AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

KELLY KEY E O ARQUIVO DAS SENSIBILIDADES SOCIAIS: UMA ARQUEOGENEALOGIA DO CORPO, DO GÊNERO E DOS AFETOS EM SUA PRODUÇÃO POP (2001–2005)

KELLY KEY AND THE ARCHIVE OF SOCIAL SENSIBILITIES: AN ARCHAEOGENEALOGY OF THE BODY, GENDER, AND AFFECTS IN HER POP PRODUCTION (2001–2005)

Eduardo de Freitas Queiroz[1]
Daniela Ferraz Daher de Ornellas[2]

Resumo

Este artigo analisa seis canções de Kelly Key lançadas entre 2001 e 2005, tomando a cultura pop como fonte para a investigação de sensibilidades sociais, relações de gênero e formas cotidianas de poder. O objetivo é examinar de que modo enunciados presentes nesse corpus podem ser lidos como registros de experiências afetivas e sociais que circulavam na cultura midiática brasileira do início do século XXI, sem atribuir retrospectivamente à artista categorias críticas ou intenções políticas que não constituem objeto da pesquisa. Trata-se de estudo qualitativo, documental e interpretativo, orientado por uma leitura arqueogenealógica de inspiração foucaultiana, articulada aos Estudos Culturais, à teoria da performatividade de gênero e a contribuições sobre representação, corpo, trabalho reprodutivo e racialização do desejo. O procedimento analítico compreendeu a identificação de enunciados e posições de sujeito, o exame das relações entre norma, poder e resistência e a organização do material em quatro eixos: autonomia e poder nas relações afetivas;

[1] Fundação Universitária de Itaperuna (FUNITA), Itaperuna, Rio de Janeiro, Brasil; Faculdade de Educação Tecnológica do Estado do Rio de Janeiro (FAETERJ), Santo Antônio de Pádua, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: eduardo@funita.edu.br – https://orcid.org/0000-0003-2457-436X
[2] Daniela Ferraz Daher de Ornellas – Rede Municipal de Itaocara.

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

trabalho doméstico e feminilidade; raça, desejo e legitimidade dos vínculos; e corpo, consumo e performance. Propõe-se a categoria analítica “arquivo das sensibilidades sociais” para designar a capacidade de produtos culturais de grande circulação de condensar e preservar tensões, afetos e repertórios de experiência cuja inteligibilidade pública se transforma historicamente. O corpus revela ambivalências: as canções participam de lógicas comerciais e de sexualização, mas também tornam visíveis conflitos relativos à submissão, à autoridade masculina, à desigualdade doméstica, às hierarquias raciais e aos padrões de feminilidade. Conclui-se que a música pop pode constituir fonte pertinente para as Ciências Humanas quando analisada de forma situada, sem presentismo, sem generalização da experiência social e sem inferir intenção autoral ou formas de recepção não examinadas.

Palavras-Chave: Cultura midiática; Feminilidade; Música popular; Relações afetivas; Representação.

Abstract

This article analyzes six songs by Kelly Key released between 2001 and 2005, treating pop culture as a source for investigating social sensibilities, gender relations, and everyday forms of power. It examines how statements present in this corpus can be read as records of affective and social experiences circulating in Brazilian media culture at the beginning of the twenty-first century, without retrospectively attributing to the artist critical categories or political intentions that are not objects of the study. This qualitative, documentary, and interpretive study is guided by a Foucauldian-inspired archaeogenealogical reading, articulated with Cultural Studies, gender performativity theory, and scholarship on representation, the body, reproductive labor, and the racialization of desire. The analytical procedure comprised the identification of statements and subject positions, the examination of relations among norm, power, and resistance, and the organization of the material into four axes: autonomy and power in intimate relationships; domestic labor and femininity; race, desire, and the legitimacy of relationships; and body, consumption, and performance. The article proposes the analytical category “archive of social sensibilities” to designate the capacity of widely circulating cultural products to condense and preserve tensions,

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

affects, and repertoires of experience whose public intelligibility changes historically. The corpus reveals ambivalences: the songs participate in commercial and sexualizing logics while also making visible conflicts related to submission, male authority, unequal domestic labor, racial hierarchies, and norms of femininity. It concludes that pop music can constitute a relevant source for the Humanities when analyzed in a historically situated manner, without presentism, overgeneralization of social experience, or inference of authorial intention or unexamined audience reception.
Key words: Affective relations; Femininity; Media culture; Popular music; Representation.

INTRODUÇÃO

Durante muito tempo, produtos vinculados à cultura pop foram tratados na pesquisa acadêmica como objetos menores, excessivamente comerciais ou insuficientemente densos para a análise das transformações sociais. Essa hierarquia se apoia numa distinção entre formas culturais consideradas legítimas e manifestações associadas ao entretenimento de massa. Os Estudos Culturais contribuíram decisivamente para questioná-la ao compreender a cultura como dimensão ordinária da vida social, isto é, como espaço no qual significados são produzidos, negociados e disputados (Williams, 1989; Hall, 1997). Nessa perspectiva, uma canção popular não precisa apresentar um programa político explícito para constituir material historicamente relevante: sua linguagem, seus personagens, seus conflitos e seus modos de circulação podem revelar formas de imaginar o corpo, o desejo, a família, o trabalho e as relações de poder.

A música popular possui particular interesse porque articula letra, performance, memória, consumo e identificação. Frith (1996) argumenta que a música participa da formação das identidades ao oferecer repertórios pelos quais sujeitos organizam pertencimentos e experiências emocionais. Middleton (1990), por sua vez, ressalta que o sentido da música popular não se reduz ao texto verbal, pois emerge da relação entre formas sonoras, performance e contextos de circulação. Neste estudo, entretanto, a unidade analítica é deliberadamente mais restrita: privilegia-se a materialidade verbal de seis canções, situada em seus respectivos álbuns e no

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

contexto midiático do período. Essa delimitação evita atribuir ao corpus uma abrangência audiovisual ou recepcional que não foi empiricamente examinada.

No Brasil do início dos anos 2000, a televisão aberta, o rádio, os videoclipes e a venda de CDs ainda ocupavam posição central na circulação da música popular. A cultura midiática oferecia modelos de comportamento e repertórios de feminilidade, juventude e relacionamento, participando da constituição das subjetividades (Kellner, 2001; Martín-Barbero, 2009). Foi nesse ambiente que Kelly Key alcançou ampla circulação midiática. Em janeiro de 2003, a Folha de S.Paulo a descrevia como uma das exceções pop de um mercado fonográfico retraído, registrando que o álbum lançado em 2001 havia vendido 310 mil cópias e que a cantora permanecera, ao longo de 2002, em intensa exposição no rádio e na televisão (Sanches, 2003). Mais do que um dado de popularidade, essa circulação interessa aqui porque situa as canções em um repertório cultural amplamente compartilhado, condição relevante para tratá-las como artefatos capazes de condensar sensibilidades sociais.

A escolha de Kelly Key, portanto, não decorre apenas de sua popularidade. Entre os produtos de ampla circulação do pop juvenil do período, seu repertório oferece um corpus particularmente produtivo porque articula narrativas em primeira pessoa feminina nas quais desejo, rejeição, comando, ciúme, domesticidade, racialização e performance corporal aparecem em posições instáveis e, por vezes, contraditórias. A pertinência do objeto resulta, assim, do encontro entre circulação midiática e recorrência de enunciados diretamente relacionados às categorias investigadas, e não da pretensão de tomar a artista como representante do conjunto da cultura brasileira ou de compará-la hierarquicamente a outros nomes do período.

Essa pertinência não se baseia na hipótese de que a produção da artista seja, em essência, feminista ou deliberadamente crítica. O interesse está justamente na ambivalência. Personagens femininas aparecem em situações de submissão, ciúme, cobrança, desejo, autonomia, trabalho doméstico, julgamento racial e performance corporal; em outros momentos, respondem, ironizam, comandam ou rejeitam posições de passividade. A cultura pop pode, portanto, reproduzir normas e simultaneamente tornar visíveis fissuras nelas, sem que uma dimensão elimine a outra. Hall (2003) descreve a cultura popular como terreno de disputa, e Fiske (1989) chama atenção

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

para os processos de negociação que atravessam o consumo e a apropriação dos produtos culturais.

Essa ambivalência permite aproximar o corpus da noção foucaultiana de arquivo. Em A arqueologia do saber, Foucault (2008) define o arquivo não como simples coleção de documentos, mas como o sistema de formação e transformação dos enunciados que torna certas coisas dizíveis em determinado momento histórico. A perspectiva genealógica acrescenta a investigação das relações de poder que atravessam corpos, normas e práticas. Em vez de buscar uma “verdade escondida” nas canções ou reconstruir uma intenção autoral, interessa perguntar que experiências elas tornam enunciáveis, que posições de sujeito organizam e que relações de poder naturalizam, deslocam ou tornam discutíveis.

Neste artigo, a expressão “leitura arqueogenealógica” designa uma estratégia analítica inspirada nesses dois movimentos, e não a pretensão de reconstruir exaustivamente uma formação discursiva do período. O movimento arqueológico orienta a identificação de enunciados, regularidades, contrastes e posições de sujeito no corpus, sempre relacionados às condições históricas que lhes conferem inteligibilidade. O movimento genealógico dirige a atenção aos modos pelos quais esses enunciados se articulam a normas de gênero, hierarquias, disciplinamento do corpo, relações afetivas e possibilidades de resistência. Essa precisão metodológica delimita o alcance da análise e evita converter seis canções em representação totalizante da sociedade brasileira do início dos anos 2000.

Para evitar presentismo, é necessária, ainda, uma distinção fundamental. Muitos conceitos mobilizados hoje para interpretar relações de gênero, violência, trabalho doméstico ou raça já existiam na produção acadêmica e nos movimentos sociais antes dos anos 2000. Não seria historicamente correto afirmar que a cultura pop “antecipou” a teoria. O que pode ser investigado é outra coisa: a distância entre a existência de categorias especializadas e sua circulação social ampla. Determinadas experiências podiam ser vividas, cantadas e reconhecidas afetivamente sem que o vocabulário crítico disponível nos campos feminista, sociológico ou jurídico estivesse igualmente disseminado no cotidiano.

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

É nesse intervalo que se situa a categoria proposta neste estudo: “arquivo das sensibilidades sociais”. Inspirada no arquivo foucaultiano, nas estruturas de sentimento de Williams (1977) e na teoria da representação de Hall (1997), a expressão designa aqui a função documental de produtos culturais capazes de condensar e preservar maneiras historicamente situadas de sentir, desejar, sofrer, julgar e resistir. A categoria não se confunde com o “arquivo” de Foucault, que possui estatuto epistemológico próprio, nem com as “estruturas de sentimento” de Williams. Trata-se de uma construção heurística derivada desse diálogo teórico, empregada para examinar como artefatos culturais de ampla circulação registram tensões e repertórios afetivos sem que sejam tomados como espelho da sociedade, evidência de recepção ou prova de intenção política.

Diante disso, a pergunta que orienta o estudo é: de que modo enunciados presentes em canções de Kelly Key lançadas entre 2001 e 2005 tornam visíveis posições de sujeito, normas e conflitos relativos ao corpo, ao gênero e aos afetos? O objetivo é analisar seis canções do período, identificando recorrências discursivas, examinando relações entre norma e resistência e discutindo em que medida a categoria “arquivo das sensibilidades sociais” contribui para compreender a música pop como fonte legítima de investigação nas Ciências Humanas.

MATERIAL E MÉTODOS

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, documental e interpretativa. O corpus é constituído por seis gravações musicais de circulação pública, examinadas prioritariamente em sua materialidade verbal, e por informações contextuais relativas aos álbuns e aos anos de lançamento. A unidade de análise corresponde aos enunciados e às posições de sujeito construídas nas canções; a unidade de contexto corresponde ao recorte histórico e midiático de 2001 a 2005. A pesquisa não envolveu participantes humanos, entrevistas, dados privados ou experimentação; por essa razão, não houve coleta de dados pessoais nem procedimentos que demandassem submissão a comitê de ética.

A estratégia metodológica foi definida como leitura arqueogenealógica de inspiração foucaultiana. Sua operacionalização ocorreu mediante dois movimentos complementares. No primeiro, de orientação arqueológica, foram identificados

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

enunciados recorrentes, oposições, vocabulários de relação, posições atribuídas às personagens e condições históricas necessárias para que esses enunciados fossem inteligíveis no período (Foucault, 2008). No segundo, de orientação genealógica, examinou-se como tais enunciados se relacionam a normas, hierarquias, disciplinamento do corpo, produção de condutas, autoridade, resistência e reversão de posições (Foucault, 2014). O procedimento não busca estabelecer causalidade histórica nem reconstituir integralmente a formação discursiva brasileira do período; busca produzir uma leitura situada de um corpus delimitado.

Essa estratégia foi articulada à análise documental, entendida como interpretação crítica de materiais produzidos em contextos sociais específicos (Cellard, 2008), e ao princípio qualitativo de compreender os significados em sua relação com o contexto (Denzin & Lincoln, 2006). Para reduzir o risco de leitura retrospectiva, adotou-se como regra analítica a distinção entre três níveis: a) o que é efetivamente enunciado pela canção; b) a interpretação produzida a partir da articulação entre os enunciados e o referencial teórico; e c) aquilo que não pode ser inferido pelo corpus, especialmente intenção autoral, efeitos sobre públicos e formas de recepção.

O recorte temporal abrange 2001 a 2005, correspondente à fase inicial de maior projeção da artista e a três álbuns de estúdio. A delimitação concentra a análise em um período historicamente situado da cultura pop brasileira e permite observar continuidades, deslocamentos e ambivalências nas representações de corpo, gênero, afetividade, trabalho doméstico e raça sem pretender abarcar a totalidade da trajetória artística.

A amostragem foi intencional e orientada por relevância analítica, não por representatividade estatística da discografia. Foram selecionadas “Baba” e “Cachorrinho”, do primeiro álbum; “Chic, Chic...”, “Por Causa de Você” e “A Loirinha, o Playboy e o Negão”, do álbum Do Meu Jeito; e “Sou a Barbie Girl”, do álbum Kelly Key, de 2005. Os critérios de inclusão foram: a) lançamento e circulação no período delimitado; b) presença explícita de enunciados relacionados a corpo, gênero, relações afetivas, trabalho ou raça; c) diversidade temática suficiente para produzir contraste entre posições de submissão, comando, aspiração, controle e performance;

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

e d) possibilidade de comparar recorrências e ambivalências internas ao corpus. A seleção, portanto, não pretende representar a totalidade da discografia, mas reunir casos teoricamente produtivos para responder à pergunta de pesquisa.

A análise foi realizada em quatro etapas. Na primeira, procedeu-se à leitura individual de cada canção e ao registro de enunciados, personagens, ações, comandos, renúncias, avaliações e marcadores corporais ou sociais. Na segunda, identificaram-se posições de sujeito e relações recorrentes entre autoridade, desejo, submissão, resistência, trabalho, raça e performance. Na terceira, os materiais foram agrupados em quatro eixos interpretativos: relações afetivas e autonomia; trabalho reprodutivo e feminilidade; racialização do desejo; e corpo, consumo e performance. Na quarta, os eixos foram colocados em diálogo com o referencial teórico, preservando-se a distinção entre materialidade textual, interpretação e inferências não autorizadas pelo corpus. Foram utilizados apenas microtrechos indispensáveis das letras; o restante da materialidade foi apresentado por paráfrase, evitando reprodução extensa de conteúdo protegido.

Canção	Álbum/ano	Eixo principal	Materialidade privilegiada
Baba	Kelly Key (2001)	Autonomia e revanche afetiva	Resposta ao ex-parceiro e inversão da posição de rejeição.
Cachorrinho	Kelly Key (2001)	Poder e performatividade	Comandos dirigidos ao parceiro e inversão simbólica de autoridade.
Chic, Chic...	Do Meu Jeito (2003)	Trabalho doméstico e aspiração	Rotina de tarefas, desordem masculina e desejo de projeção pública.
Por Causa de Você	Do Meu Jeito (2003)	Controle e perda de autonomia	Mudanças de aparência, restrição de vínculos e renúncia à liberdade.
A Loirinha, o Playboy e o Negão	Do Meu Jeito (2003)	Raça, desejo e julgamento social	Relação interracial submetida ao olhar e à classificação de terceiros.
Sou a Barbie Girl	Kelly Key (2005)	Corpo, consumo e feminilidade	Apropriação da figura Barbie como signo de feminilidade produzida e performada.

Tabela 1 – Corpus, álbum/ano, eixo principal e materialidade privilegiada
Fonte: Elaborada pelos autores.

RESULTADOS

Relações afetivas, controle e autonomia

O primeiro eixo reúne “Por Causa de Você”, “Baba” e “Cachorrinho”. Em conjunto, as três canções constroem posições femininas distintas diante do poder

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

afetivo. “Por Causa de Você” apresenta uma narradora que reorganiza aparência, sociabilidade e liberdade em função do parceiro. O microenunciado “não uso mais batom” (POR CAUSA DE VOCÊ, 2003) condensa renúncias descritas na música, entre elas mudanças de vestimenta, afastamento de amigos e perda de liberdade. No conjunto da narrativa, o vínculo amoroso aparece associado à reorganização da aparência, dos vínculos sociais e da autonomia da personagem.

“Baba” desloca essa posição. O refrão sintetizado no microtrecho “baba, baby” (BABA, 2001) transforma a rejeição anterior em resposta irônica e autovalorização. A narradora não espera reconciliação nem se apresenta apenas como vítima; ela constrói uma cena de reversão na qual o ex-parceiro passa à posição de arrependimento. A valorização da narradora, contudo, continua relacionada à desejabilidade e ao reconhecimento do olhar masculino.

“Cachorrinho” intensifica a inversão simbólica da autoridade. A narrativa se estrutura pela resposta a um parceiro que grita e gosta de mandar; a personagem feminina passa, então, a ocupar a posição de comando. A expressão “a sua dona chegou” (CACHORRINHO, 2001) dramatiza essa inversão por meio de humor e linguagem de adestramento, produzindo uma cena em que autoridade feminina, provocação e sexualização aparecem simultaneamente.

Trabalho reprodutivo, invisibilidade e desejo de outra vida

Em “Chic, Chic...”, a rotina doméstica é apresentada em registro humorístico, mas a materialidade textual permite identificar uma divisão desigual das responsabilidades. O microtrecho “acordar, lavar, varrer, passar” (CHIC, CHIC..., 2003) é seguido por referências à manutenção da casa e à desordem produzida pelo parceiro. A repetição das tarefas produz a imagem de um trabalho contínuo e pouco reconhecido, ao mesmo tempo em que a narradora fantasia a possibilidade de tornar-se famosa, gravar comerciais e ocupar a capa de revistas.

“Chic, Chic...” também impede uma leitura unidimensional. A personagem não está confinada ao ressentimento doméstico: ela imagina visibilidade, beleza, dança e reconhecimento. O desejo de “ser uma grande artista” desloca o espaço da casa para a esfera pública, mas essa saída é mediada por códigos de feminilidade e consumo. O trabalho doméstico e a aspiração midiática não aparecem como polos puros de

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

opressão e emancipação; compõem uma mesma cultura em que autonomia e adequação estética se entrelaçam.

Raça, desejo e legitimidade dos vínculos

"A Loirinha, o Playboy e o Negão" introduz a racialização das relações afetivas. A narrativa representa um casal interracial submetido ao olhar de um terceiro que questiona a escolha da mulher. O conflito não está apenas na preferência individual, mas na presunção social de que determinados pares exigem explicação. A própria denominação dos personagens aciona marcadores de raça e classe, expondo o vínculo amoroso como objeto de classificação pública (A LOIRINHA, O PLAYBOY E O NEGÃO, 2003).

Corpo, consumo e feminilidade performada

"Sou a Barbie Girl" mobiliza um signo global de feminilidade produzida pela cultura de consumo. A figura da Barbie condensa corpo padronizado, juventude, moda, cor, consumo e artificialidade. Na versão interpretada por Kelly Key, a personagem se apresenta como exigente e capaz de impor condições ao parceiro, articulando um modelo de feminilidade simultaneamente delicado, autoritário e altamente codificado por signos estéticos (SOU A BARBIE GIRL, 2005).

DISCUSSÃO

Os resultados sustentam a pertinência heurística da categoria "arquivo das sensibilidades sociais", desde que empregada com limites explícitos. O corpus não demonstra que Kelly Key tenha antecipado conceitos sociológicos ou feministas, não autoriza concluir como as audiências interpretavam as canções e não permite generalizar as personagens para "as mulheres brasileiras" do período. O que ele permite observar é que experiências relacionadas a controle afetivo, desigualdade doméstica, racialização do desejo e fabricação do corpo feminino estavam disponíveis como material narrativo em canções pop de grande circulação. A inteligibilidade dessas experiências depende do encontro entre material cultural, repertórios dos públicos e linguagens históricas de interpretação.

Williams (1977) chamou de estruturas de sentimento as experiências sociais emergentes que nem sempre se encontram plenamente formalizadas nas instituições e linguagens dominantes. Essa formulação ajuda a deslocar a tese cronológica de que

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

“a teoria veio depois”. Em vários casos mobilizados nesta análise, o vocabulário especializado já existia. O que se transforma historicamente é sua circulação, incorporação ao debate público e disponibilidade cotidiana para nomear determinadas práticas como problema. Rancière (2005), ao discutir a partilha do sensível, oferece outra chave para compreender como uma ordem social define o que pode aparecer, ser ouvido e adquirir relevância. Uma canção pode tornar audível uma experiência sem que ela seja necessariamente recebida, naquele momento, como questão política.

A categoria “arquivo das sensibilidades sociais” situa-se, portanto, entre essas duas preocupações sem se reduzir a nenhuma delas. Do arquivo foucaultiano, retém a atenção às condições de enunciabilidade e às posições de sujeito; das estruturas de sentimento, retém a atenção à dimensão vivida e afetiva de experiências em circulação. Seu estatuto neste artigo é analítico e heurístico: não nomeia a totalidade de uma formação histórica, mas uma função documental possível de artefatos culturais de grande circulação. Essa delimitação é importante para impedir que uma categoria construída a partir de seis canções seja convertida em diagnóstico abrangente de uma época.

Esse argumento também se aproxima da teoria da representação de Hall (1997). Representar não é simplesmente espelhar uma realidade externa; é participar da produção de significados que tornam a realidade inteligível. As personagens de Kelly Key oferecem posições discursivas possíveis: a mulher que renuncia, a que responde, a que manda, a que administra a casa, a que escolhe um parceiro racialmente deslegitimado pelo olhar externo e a que performa uma feminilidade hiperconstruída. A força analítica do corpus está na coexistência dessas posições e nas contradições que as atravessam, e não em sua representatividade sociológica.

Controle afetivo, disciplinamento e performatividade

Essa configuração pode ser aproximada da análise foucaultiana dos mecanismos disciplinares. Foucault (2014) mostra que o poder moderno não opera somente por proibição explícita, mas pela produção de condutas e pela incorporação de normas. No plano afetivo, a regulação do corpo e da sociabilidade pode ocorrer sem aparato institucional, por meio de expectativas, vigilância e autocontrole.

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

Bourdieu (1999) ajuda a compreender como relações de dominação se naturalizam quando aparecem como legítimas ou afetivamente justificadas. Stark (2007), em outro vocabulário e contexto, sistematiza o controle coercitivo como conjunto de práticas destinadas a restringir autonomia e redes de apoio. A aproximação é utilizada como lente de leitura contemporânea e não como diagnóstico retrospectivo da relação narrada ou como categoria pressuposta pela composição.

A leitura de “Por Causa de Você” evidencia a necessidade de manter a interpretação ancorada na materialidade da canção. As renúncias narradas em relação à aparência, aos vínculos sociais e à liberdade permitem aproximar o texto de debates sobre controle afetivo e restrição da autonomia. Essa aproximação, contudo, é analítica: não equivale a diagnosticar retrospectivamente uma relação, a classificar a experiência da personagem segundo critérios jurídicos atuais ou a afirmar que categorias contemporâneas orientaram a composição. O rigor está em explicitar o percurso interpretativo e preservar a historicidade do objeto.

Em “Baba” e “Cachorrinho”, a questão se desloca da restrição da autonomia para formas de resposta e inversão. À luz de Butler (1990; 1993), a repetição paródica de posições de autoridade em “Cachorrinho” torna visível o caráter performativo das relações de gênero: a mulher assume a posição de comando sem que isso elimine a sexualização que estrutura o produto pop. “Baba”, por sua vez, constrói autovalorização e revanche afetiva, mas ainda mobiliza o desejo e o reconhecimento masculino como componentes da cena. Em ambos os casos, deslocamento e permanência normativa coexistem.

Trabalho reprodutivo, visibilidade e ambivalência

A articulação entre serviço doméstico e desejo de projeção pública é central. Federici (2017) e Saffioti (2013) demonstram que o trabalho reprodutivo foi historicamente naturalizado como responsabilidade feminina. Kergoat (2009) acrescenta que a divisão sexual do trabalho se organiza tanto pela separação de tarefas quanto por sua hierarquização social. Walzer (1998) chama atenção para o trabalho de planejamento e coordenação que acompanha a vida doméstica. Esses referenciais demonstram que a desigualdade doméstica já era objeto de elaboração teórica antes ou durante o período analisado. O aspecto relevante para a hipótese

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

deste artigo é perceber como experiências semelhantes circulavam em linguagem pop, humorística e cotidiana, alcançando públicos que não necessariamente tinham contato com esse vocabulário especializado.

O caso de “Chic, Chic...” mostra por que a interpretação deve preservar a complexidade da obra. A rotina doméstica é evidente, mas a canção não se reduz à denúncia do trabalho reprodutivo: articula tarefas, vaidade, dança e sonho de fama. Desconsiderar a aspiração midiática produziria uma leitura seletiva. A personagem deseja deslocar-se da invisibilidade da casa para a visibilidade pública, mas esse movimento permanece mediado por códigos de feminilidade, beleza e consumo. A tensão entre sobrecarga e aspiração é, portanto, constitutiva do resultado, e não um ruído a ser eliminado pela interpretação.

Racialização do desejo e legitimidade dos vínculos

Quijano (2005) permite compreender como a colonialidade prolonga hierarquias raciais para além das instituições coloniais formais. No contexto brasileiro, Gonzalez (1984) mostrou que racismo e sexismo se articulam por mecanismos de naturalização e dissimulação. Akotirene (2019), ao discutir interseccionalidade, enfatiza que raça, gênero e classe não operam isoladamente. A canção pode, portanto, ser lida como registro de uma cena na qual desejo, prestígio e legitimidade afetiva são atravessados por classificações raciais.

A análise exige cautela porque a música também mobiliza vocabulário racializante e pode reproduzir estereótipos enquanto critica o preconceito. Essa ambivalência é parte do objeto. O fato de o personagem negro precisar ser defendido por atributos morais positivos revela uma norma prévia de suspeição, mas a própria estratégia de defesa pode reafirmar a ideia de que sua presença precisa ser justificada. O “arquivo das sensibilidades sociais”, nesse caso, não preserva uma mensagem unívoca; registra uma disputa sobre quem pode ser desejado, reconhecido e legitimado no espaço público.

Na dimensão racial, a cautela precisa ser ainda maior. “A Loirinha, o Playboy e o Negão” tematiza preconceito em uma relação interracial, mas utiliza categorias e construções que também carregam marcas do próprio regime racial que pretende confrontar. Em vez de aplicar retrospectivamente a etiqueta “racismo afetivo” como se

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

fosse a autoconsciência da obra, é metodologicamente mais preciso falar em racialização do desejo e da legitimidade dos vínculos. A categoria contemporânea funciona como lente interpretativa, e não como conteúdo literal da canção.

Corpo, consumo e feminilidade performada

Bordo (1993) discute o corpo feminino como superfície na qual normas culturais de autocontrole e beleza se inscrevem. Wolf (1991) analisa a pressão estética como mecanismo de regulação da autonomia feminina. Butler (1990) oferece outra chave ao mostrar que o gênero se constitui por atos reiterados que produzem a aparência de naturalidade. A “Barbie Girl” torna essa construção especialmente visível: ela não remete a uma essência feminina, mas a um repertório reconhecível de cabelo, roupa, corpo, postura, consumo e comportamento.

A canção também exemplifica a lógica que Gill (2007) e McRobbie (2009) descrevem na cultura midiática pós-feminista: autonomia, escolha e autoconfiança podem coexistir com intensa sexualização e disciplina corporal. A personagem fala, exige e estabelece regras, mas sua agência é apresentada dentro de uma gramática de consumo. Em vez de resolver essa tensão classificando a música como emancipatória ou conservadora, a análise aponta para a coexistência de ambas as forças.

Cultura pop, mercado e mediações

A cultura pop também é inseparável de sua economia de circulação. Adorno & Horkheimer (1985) chamaram atenção para a padronização e a mercantilização promovidas pela indústria cultural. Embora a rigidez dessa perspectiva tenha sido amplamente criticada pelos Estudos Culturais, seu alerta permanece relevante: autonomia e contestação podem ser convertidas em estilo vendável. As canções analisadas situam-se precisamente nessa zona ambivalente. Personagens femininas falam em primeira pessoa, estabelecem condições, respondem a parceiros e recusam posições de docilidade, ao mesmo tempo em que esses enunciados circulam em uma indústria estruturada por juventude, sensualidade, performance corporal e consumo.

A ambivalência também aparece em “Cachorrinho”: a autoridade feminina é encenada em um produto comercial que simultaneamente sexualiza a cantora e transforma transgressão em espetáculo. Essa tensão converge com a observação de

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

Hall (2003) de que a cultura popular é espaço de negociação, não território puro de resistência ou dominação. Por isso, a agência das personagens não deve ser lida fora das condições mercantis, midiáticas e estéticas de sua circulação.

Para as Ciências Humanas, essa ambivalência reforça o estatuto da música popular como fonte histórica e cultural. Napolitano (2002) mostra que a canção pode ser investigada como documento sem ser reduzida a mero reflexo de uma época. Canclini (2015) e Martín-Barbero (2009) lembram que o consumo é atravessado por mediações e apropriações. Por isso, a análise textual precisa reconhecer simultaneamente aquilo que a materialidade das canções permite sustentar e aquilo que permanece em aberto: recepção, efeitos sobre os públicos, intenção autoral e significados produzidos por elementos audiovisuais não examinados sistematicamente.

Limitações e perspectivas de investigação

O estudo apresenta limitações que decorrem de seu próprio desenho. O corpus reúne seis canções selecionadas intencionalmente e privilegia a dimensão verbal; não foram analisados de forma sistemática videoclipes, performances televisivas, comentários de fãs, matérias de imprensa, dados de audiência ou entrevistas da artista. Tais limites não invalidam a análise, mas definem seu campo de inferência: as conclusões dizem respeito às posições discursivas e às ambivalências identificadas neste corpus. A categoria “arquivo das sensibilidades sociais” permanece uma proposta heurística cuja produtividade deve ser examinada em outros objetos culturais, recortes temporais e materialidades. Estudos futuros podem comparar o corpus com outras produções de ampla circulação no pop brasileiro do período, incluindo trabalhos de Wanessa Camargo, Sandy & Junior e Rouge, investigar recepções geracionais e incorporar análise audiovisual para observar como letra, imagem, coreografia e performance reorganizam conjuntamente os sentidos.

CONCLUSÃO

Este artigo analisou seis canções de Kelly Key lançadas entre 2001 e 2005 para investigar como enunciados de sua produção pop tornam visíveis discursos sobre corpo, gênero, relações afetivas, trabalho doméstico e raça. A análise identificou posições femininas heterogêneas: perda de autonomia e controle em “Por Causa de

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

Você"; resposta e autovalorização em "Baba"; inversão simbólica da autoridade em "Cachorrinho"; sobrecarga doméstica e aspiração pública em "Chic, Chic..."; racialização da legitimidade amorosa em "A Loirinha, o Playboy e o Negão"; e performance corporal mediada pelo consumo em "Sou a Barbie Girl".

Os achados sustentam a produtividade da noção de "arquivo das sensibilidades sociais" como categoria analítica delimitada: não como sinônimo do arquivo foucaultiano, não como antecipação da teoria e não como representação total de uma época, mas como modo de compreender a capacidade de artefatos culturais de grande circulação de condensar repertórios afetivos e tensões sociais cuja inteligibilidade pública se transforma historicamente.

A contribuição do estudo consiste em articular uma leitura arqueogenealógica situada a um objeto da cultura pop sem dissolver suas contradições em classificações binárias. As canções analisadas podem reproduzir normas e simultaneamente tensioná-las; podem converter conflito em entretenimento e, ao mesmo tempo, preservar vestígios de formas historicamente situadas de desejar, sofrer, julgar, resistir e negociar posições de gênero. Nessa perspectiva, o valor analítico do pop não depende de sua intenção emancipatória, mas de sua capacidade de registrar e organizar experiências socialmente reconhecíveis.

Ao explicitar os limites do corpus e distinguir materialidade textual, interpretação e inferência, a pesquisa evita tanto a desqualificação do pop como "mero entretenimento" quanto sua idealização como discurso necessariamente crítico. Assim, amplia-se o repertório de fontes possíveis para as Ciências Humanas e reforça-se a necessidade de ler produtos culturais massivos como documentos complexos, atravessados simultaneamente por poder, mercado, desejo, norma e resistência.

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não existem conflitos de interesse.

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

REFERÊNCIAS

A LOIRINHA, O PLAYBOY E O NEGÃO. Intérprete: Kelly Key. In: DO MEU JEITO. Intérprete: Kelly Key. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 2003. 1 faixa sonora.

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. São Paulo: Pólen, 2019.

BABA. Intérprete: Kelly Key. In: KELLY KEY. Intérprete: Kelly Key. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 2001. 1 faixa sonora.

BORDO, S. Unbearable weight: feminism, western culture, and the body. Berkeley: University of California Press, 1993.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BUTLER, J. Bodies that matter: on the discursive limits of sex. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, J. Gender trouble: feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990.

CACHORRINHO. Intérprete: Kelly Key. In: KELLY KEY. Intérprete: Kelly Key. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 2001. 1 faixa sonora.

CANCLINI, N. G. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2015.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CHIC, CHIC... Intérprete: Kelly Key. In: DO MEU JEITO. Intérprete: Kelly Key. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 2003. 1 faixa sonora.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FEDERICI, S. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FISKE, J. Understanding popular culture. Boston: Unwin Hyman, 1989.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

FRITH, S. Performing rites: on the value of popular music. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

GILL, R. Gender and the media. Cambridge: Polity Press, 2007.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Ciências Sociais Hoje, São Paulo, p. 223-244, 1984.

HALL, S. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, S. Representation: cultural representations and signifying practices. London: Sage, 1997.

KELLNER, D. A cultura da mídia. Bauru: EDUSC, 2001.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. et al. Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67-75.

MARTÍN-BARBERO, J. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MCROBBIE, A. The aftermath of feminism: gender, culture and social change. London: SAGE, 2009.

MIDDLETON, R. Studying popular music. Milton Keynes: Open University Press, 1990.

NAPOLITANO, M. História & música: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

POR CAUSA DE VOCÊ. Intérprete: Kelly Key. In: DO MEU JEITO. Intérprete: Kelly Key. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 2003. 1 faixa sonora.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RANCIÈRE, J. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2005.

SANCHES, P. A. Grandes gravadoras abdicaram de investimento em novos artistas. Folha de S.Paulo, São Paulo, 6 jan. 2003. Ilustrada. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u29825.shtml. Acesso em: 5 set. 2026.

AMPLITUDE CIENTÍFICA
FUNITA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE QUALIDADE
ISSN 3086-1195
DOI: 10.65225/amplitude

SAFFIOTI, H. I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SOU A BARBIE GIRL. Intérprete: Kelly Key. In: KELLY KEY. Intérprete: Kelly Key. Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 2005. 1 faixa sonora.

STARK, E. Coercive control: how men entrap women in personal life. New York: Oxford University Press, 2007.

WALZER, S. Thinking about the baby: gender and transitions into parenthood. Philadelphia: Temple University Press, 1998.

WILLIAMS, R. Marxism and literature. Oxford: Oxford University Press, 1977.

WILLIAMS, R. Resources of hope: culture, democracy, socialism. London: Verso, 1989.

WOLF, N. The beauty myth: how images of beauty are used against women. New York: William Morrow, 1991.